



# ÚLTIMA PAYADA

ATHOS RONALDO MIRALHA DA CUNHA

**Editora Penalux**  
Guaratinguetá, 2024

## ÚLTIMA PAYADA

O chimarrão que o maragato  
Cevava na cuia morena  
Descansando as chilenas,  
Pra sorver o verde regato  
Que veio do tosco do mato  
Mateando quieto e *despacito*.  
Com o olhar no infinito,  
Nos causos do seu silêncio,  
Manchou com erva o lenço  
E chimarreou com seu piazito.

E o guri cresceu assim  
No gosto pelo chimarrão.  
Pra quem nasceu neste chão,  
Cevando mateadas em mim  
Em largas proseadas sem fim  
Nas vastas tardes da pampa  
Quando o quero-quero canta  
Na calma da terra gaúcha,  
Com a cuia feito garrucha,  
Identidade guapa que encanta.

Quando o “Velho” anoiteceu,  
Num mês de maio fatal,  
Deixou de lado o buçal,  
Fez de conta que esqueceu  
Todas as lidas que viveu.  
Com a cuia, bomba e sovêu,  
Cevou um mate com mel  
E em silêncio foi embora  
Batendo esporas na aurora  
Em algum rincão do céu.

Herança: a velha bomba.  
De alpaca e ouro folheada,  
Ficou um taura na internada.  
Num dedilhar de milonga,  
Na tarde cada vez mais longa,  
Daquele mesmo domingo,  
Que cevei um mate antigo  
E sorvi a Última Payada.  
Naquela bomba de alpaca,  
Que sempre carrego comigo.

## HERDEIROS\*

Cinco séculos de história,  
De garra trabalho e dor,  
É o povo trabalhador,  
Na saga desta trajetória,  
Traz no peito as vitórias,  
Deste imenso Brasil.  
Continente varonil!  
De grandes e belas cascatas,  
Extensas e densas matas,  
Sob um céu cor de anil.

O talento de Aleijadinho,  
Um artista sagrado,  
Nos templos do passado,  
Dando formas ao carinho.  
E os negros no pelourinho,  
Sofrimento e solidão,  
Corrente, sangue e coração,  
Que Castro cantou em verso,  
Restando o único gesto,  
Do homem tombado ao chão.

\* Poema classificado para o 16º Bivaque da Poesia Gaúcha, Campo Bom – RS (2018).

Tiradentes: Guerreiro.  
Que lutou pela liberdade,  
Pela paz e igualdade,  
Neste solo brasileiro.  
Este valoroso mineiro.  
Um líder por excelência,  
No despertar da inconfidência,  
Nestas terras sem iguais,  
Lutou nas Minas Gerais,  
O mártir da independência.

Esta terra tem dono!  
Bradou o legendário Sepé,  
Botando as Missões em pé.  
No sopro do Minuano.  
Foi primeiro dos colonos,  
Valente na luta crua,  
Pelejando no clarão da lua,  
Sofreu o derradeiro pealo,  
No lombo do seu cavalo,  
Quedou-se na noite escura.

E o Farrapo fez história,  
Por liberdade também,  
Buscando forças no além,  
Na gana emancipatória,  
Foram cobertos de glória,  
Naqueles longos dez anos,  
E foi um tratado pampeano,

Nas bandas de Dom Pedrito,  
Ecoando o último grito,  
Daquele gaúcho aragano.

Naquele árido sertão,  
De Antônio Conselheiro,  
Nasceu do povo brasileiro,  
Como Cosme ou Damião.  
E o Virgulino Lampião,  
O maior cabra da peste,  
Mapeou o Brasil agreste,  
Com alma e armas de guerra,  
Plantou homens na terra,  
O cangaceiro do nordeste.

Somos herdeiros de Zumbi.  
Farrapos e Inconfidentes.  
Palmares e Bandeirantes.  
Do índio charrua e guarani.  
Iracema, Morotin e Imembuy.  
Flores, Getúlio e Jango.  
Maragatos e chimangos.  
Herdeiros do sul e do norte,  
Dos dezoito do forte.  
E das glórias de outros tantos.

Meio milênio de luta,  
E um futuro de esperança,  
Na arte de uma criança,

Em rodas de reclusa,  
No chão desta terra bruta,  
Neste país continente,  
Que sonhamos para frente,  
Esta pátria verde amarela,  
E pintamos de aquarela,  
A paz pra toda gente.



~~Alto~~ ) omido



LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Adobe Garamond  
Pro pela Editora Penalux e impresso em  
papel off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em maio de 2024.

---